

DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM

CIC 2055: o Decálogo resumido no mandamento do amor

2055 Quando Lhe perguntam: «Qual é o maior mandamento que há na Lei?» (*Mt 22, 36*), Jesus responde: «Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua mente; tal é o maior e primeiro mandamento. O segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. A estes dois mandamentos está ligada toda a Lei, bem como os Profetas» (*Mt 22, 37-40*)¹. O Decálogo deve ser interpretado à luz deste duplo e único mandamento da caridade, plenitude da Lei.

«De facto: “Não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não cobiçarás” bem como qualquer outro mandamento, estão resumidos numa só frase: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. O amor não faz mal ao próximo. Assim, é no amor que está o pleno cumprimento da Lei» (*Rm 13, 9-10*).

CIC 1443-1445: a reconciliação com a Igreja

1443 Durante a sua vida pública, Jesus não somente perdoou os pecados, como também manifestou o efeito desse perdão: reintegrou os pecadores perdoados na comunidade do povo de Deus, da qual o pecado os tinha afastado ou mesmo excluído. Sinal bem claro disso é o facto de Jesus admitir os pecadores à sua mesa, e mais ainda: de se sentar à mesa deles, gesto que exprime ao mesmo tempo, de modo desconcertante, o perdão de Deus² e o regresso ao seio do povo de Deus³.

1444 Ao tornar os Apóstolos participantes do seu próprio poder de perdoar os pecados, o Senhor dá-lhes também autoridade para reconciliar os pecadores com a Igreja. Esta dimensão eclesial do seu ministério exprime-se, nomeadamente, na palavra solene de Cristo a Simão Pedro: «Dar-te-ei as chaves do Reino dos céus; tudo o que ligares na terra ficará ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra ficará desligado nos céus» (*Mt 16, 19*). «Este mesmo encargo de ligar e desligar, conferido a Pedro, foi também atribuído ao colégio dos Apóstolos unidos à sua cabeça (*Mt 18,18; 28, 16-20*)»⁴.

1445 As palavras *ligar e desligar* significam: aquele que vós excluirdes da vossa comunhão, ficará também excluído da comunhão com Deus; aquele que

¹ Cf. *Dt 6, 5; Lv 19, 18*.

² Cf. *Lc 15*.

³ Cf. *Lc 19, 9*.

⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 22: AAS 57 (1965) 26.

de novo receberdes na vossa comunhão, também Deus o acolherá na sua. *A reconciliação com a Igreja é inseparável da reconciliação com Deus.*

CIC 2842-2845: “Como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”

2842 Este «como» não é único no ensinamento de Jesus. «Sede perfeitos *como* o vosso Pai celeste é perfeito» (*Mt* 5, 48); «sede misericordiosos *como* o vosso Pai é misericordioso» (*Lc* 6, 36); «dou-vos um mandamento novo: amai-vos uns aos outros *como* Eu vos amei» (*Jo* 13, 34). Observar o mandamento do Senhor é impossível, quando se trata de imitar, do exterior, o modelo divino. Trata-se duma participação vital, vinda «do fundo do coração», na santidade, na misericórdia e no amor do nosso Deus. Só o Espírito, que é «nossa vida» (*Gl* 5, 25), pode fazer «nossos» os mesmos sentimentos que existiram em Cristo Jesus⁵. Então, a unidade do perdão torna-se possível, «perdoando-nos mutuamente *como* Deus nos perdoou em Cristo» (*Ef* 4, 32).

2843 Assim ganham vida as palavras do Senhor sobre o perdão, sobre este amor que ama até ao extremo do amor⁶. A parábola do servo desapiedado, que conclui o ensinamento do Senhor sobre a comunhão eclesial⁷, termina com estas palavras: «Assim procederá convosco o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do fundo do coração». É aí, de facto, «no fundo do *coração*», que tudo se ata e desata. Não está no nosso poder deixar de sentir e esquecer a ofensa; mas o coração que se entrega ao Espírito Santo muda a ferida em compaixão e purifica a memória, transformando a ofensa em intercessão.

2844 A oração cristã vai até ao *perdão dos inimigos*⁸. Transfigura o discípulo, configurando-o com o seu Mestre. O perdão é o cume da oração cristã; o dom da oração só pode ser recebido num coração em sintonia com a compaixão divina. O perdão testemunha também que, no nosso mundo, o amor é mais forte que o pecado. Os mártires de ontem e de hoje dão este testemunho de Jesus. O perdão é a condição fundamental da reconciliação⁹ dos filhos de Deus com o seu Pai e dos homens entre si¹⁰.

2845 Não há limite nem medida para este perdão essencialmente divino¹¹. Quando se trata de ofensas (de «pecados», segundo *Lc* 11, 4, ou de «dívidas» segundo *Mt* 6, 12), de facto nós somos sempre devedores: «Não devais a ninguém coisa alguma, a não ser o amor de uns para com os outros» (*Rm* 13, 8)). A comunhão da Santíssima Trindade é a fonte e o critério da verdade de toda a relação¹². E é vivida na oração, sobretudo na Eucaristia¹³:

⁵ Cf. *Fl* 2, 1.5.

⁶ Cf. *Jo* 13, 1.

⁷ Cf. *Mt* 18, 23-35.

⁸ Cf. *Mt* 5, 43-44.

⁹ Cf. *2 Cor* 5, 18-21.

¹⁰ Cf. JOÃO PAULO II, Enc. *Dives in misericordia*, 14: AAS 72 (1980) 1221-1228.

¹¹ Cf. *Mt* 18, 21-22; *Lc* 17, 3-4.

¹² Cf. *1 Jo* 3, 19-24.

¹³ Cf. *Mt* 5, 23-24.

«Deus não aceita o sacrifício do dissidente e manda-o retirar-se do altar e reconciliar-se primeiro com o irmão: só com orações pacíficas se podem fazer as pazes com Deus. O maior sacrifício para Deus é a nossa paz, a concórdia fraterna e um povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo»¹⁴.

¹⁴ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 23: CCL 3A, 105 (PL 4, 535-536).